



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**VANICLÉIA ALVES DA SILVA**

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA CRIANÇA DE 4  
A 6 ANOS**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2015**

VANICLÉIA ALVES DA SILVA

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA  
CRIANÇA DE 4 A 6 ANOS

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS – PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras – Paraíba

S586d Silva, Vanicléia Alves da  
O Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita na  
Criança de 4 a 6 Anos. / Vanicléia Alves da Silva. Cajazeiras,  
2015.  
45f.  
Bibliografia.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Gerlaine Belchior Amaral.  
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Linguagem Oral. 2. Linguagem - Escrita. 3. Prática  
Docente.  
4. Educação Infantil - Desenvolvimento da Linguagem.  
I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior. II. Título.

VANICLÉIA ALVES DA SILVA

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA  
CRIANÇA DE 4 A 6 ANOS

Aprovada em 30 de novembro de 2015

**Banca examinadora**

Maria Gerlaine Belchior Amaral

Dr.<sup>a</sup> Maria Gerlaine Belchior Amaral

Orientadora /UFCG-CFP-UAE

Elzanir dos Santos

Dr.<sup>a</sup> Elzanir dos Santos

Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Luisa de Marillac Ramos Soares

Dr.<sup>a</sup> Luisa de Marillac Ramos Soares

Examinadora/UFCG-CFP-UAE

Maria Janete de Lima

Dr.<sup>a</sup> Maria Janete de Lima

Suplente /UFCG-CFP-UAE

Dedico este trabalho à minha mãe e minhas irmãs, ao meu namorado, à minha família, por estarem sempre me incentivando e contribuindo para minha formação acadêmica e por acreditarem que sou capaz de alcançar e realizar meus sonhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, fonte inesgotável de amor e misericórdia, da qual brotam todos os sentimentos de grandeza, sem o qual eu não seria nada e que sempre iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

À minha família, em especial a minha mãe e irmãs por estarem sempre cuidando de mim, que com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Ao meu namorado que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, apoiando-me nos momentos de difíceis.

Às minhas amigas, Andrêssa Alves, Érica Queiroz e Stella Martins pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Foi com vocês, que enfrentei as dificuldades e tenho construído minha vida acadêmica. Agradeço também as minhas colegas de curso.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, em especial a orientadora deste trabalho, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gerlaine Belchior que sempre me apoiou e incentivou nessa jornada acadêmica.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

(Charles Chaplin)

## **RESUMO**

O objeto de estudo dessa pesquisa é o desenvolvimento da linguagem da criança. Embora muitos professores reconheçam a existência da linguagem oral e escrita, verifica-se no cotidiano escolar que a maioria ainda não valoriza e não desenvolve a linguagem como deveria. O referido trabalho busca atender aos seguintes objetivos: analisar como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança de 4 a 6 anos; refletir sobre o que é linguagem e suas funções no contexto social da escola; identificar quais são as semelhanças e diferenças existentes entre a linguagem oral e escrita; identificar as diversas formas de se trabalhar essas linguagens na prática docente. A pesquisa tomou como referencial teórico os autores Marcuschi (2010), Simões (2006), Dias (2001), entre outros. A pesquisa de campo é do tipo exploratória. A abordagem foi qualitativa e o instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram três professoras, uma da Educação Infantil e duas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa de campo foi numa Escola Municipal da rede pública da cidade de Joca Claudino – PB. O estudo permitiu entender que a linguagem é um fator importante e necessário para o bom desenvolvimento das habilidades humanas e que possui em si variações em seu contexto social, consideradas como elementos e expressões emancipatórias de um grupo. Conclui-se que o desenvolvimento da linguagem inicia-se por um processo espontâneo, mas que pode e deve ser potencializado pelas práticas pedagógicas afim de que o estudante possa galgar novos níveis de conhecimento.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento da Linguagem. Linguagem Oral. Linguagem Escrita. Mediação Pedagógica.

## **ABSTRACT**

The study object of this research is the development of the child's language. Although many teachers recognize the existence of the oral and written language, it can be noticed at daily school life that most still do not value and do not develop the language as it should do. This paper seeks to achieve the following goals: to analyze how is the development of oral and written language in 4-6 years old children; to reflect about what language is and their roles in the school's social context; to identify what are the similarities and differences between oral and written language; to identify the various ways to work these languages in teaching practice. The research is based on Marcuschi (2010), Simões (2006), Dias (2001), among others. This is an exploratory type research. The approach is qualitative and data collection instrument was a semi-structured interview. The study subjects were three teachers, one from kindergarten education and two from elementary school . The field research was a public school in Joca Claudino - PB. The study enabled us to understand that language is an important and necessary factor for the proper development of human skills and has itself changes in its social context, regarded as emancipatory elements and expressions of a group. We conclude that language development starts by a spontaneous process, but it can and should be enhanced by the pedagogical practices in order that the student can climb new levels of knowledge.

**Keywords:** Language Development. Oral language. Written language. Pedagogical mediation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. A LINGUAGEM E SUAS FUNÇÕES.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Linguagem oral e linguagem escrita: definição, semelhanças e diferenças</b>	<b>14</b>
<b>2. O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA CRIANÇA DE 4 A 6 ANOS.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 O desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança na orientação do RCNEI e PCN .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 O trabalho docente para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita com crianças de 4 a 6 anos .....</b>	<b>24</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>29</b>
<b>4. RELATO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Fala das professoras entrevistadas.....</b>	<b>31</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo deste trabalho é o desenvolvimento da linguagem da criança. Busca-se refletir sobre a prática docente dos educadores relacionada ao desenvolvimento da linguagem no cotidiano escolar.

A linguagem oral e a linguagem escrita são modos semelhantes de se compreender o mundo, mas que possuem variações em seu contexto atual e são, conseqüentemente, diferenciadas nas atividades escolares. A identificação dessa problemática nos instiga a questionar: Como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na prática docente com crianças de 4 a 6 anos?

Assim, o presente trabalho busca atender aos seguintes objetivos: analisar como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança de 4 a 6 anos; refletir sobre o que é linguagem e suas funções no contexto social da escola; identificar quais são as semelhanças e diferenças existentes entre a linguagem oral e escrita; identificar as diversas formas de se trabalhar essas linguagens na prática docente.

A linguagem oral e escrita, além de ser um fator importante que é abordado em toda sala de aula, é também algo que necessita ser mais estudado e focalizado no convívio social e escolar de cada indivíduo. A partir dessa compreensão é que se resolveu abordar esse assunto. A experiência de ministrar aula de reforço despertou em mim o interesse em conhecer como se dá o processo de desenvolvimento da linguagem oral e linguagem escrita no contexto escolar e no cotidiano das crianças relacionado às tarefas diárias. Na experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, foi onde pude presenciar pela primeira vez o desenvolvimento do ato de se comunicar e escrever de várias crianças em um mesmo espaço.

Essa temática tem relevância social, pois proporciona ao professor compreender melhor, e dessa forma, poder contribuir sistematicamente com o desenvolvimento das crianças com as quais ele lida durante tanto tempo, assim como também aos demais que ainda não atuam em sala de aula, mas que pretendem fazê-lo futuramente.

Do ponto de vista do percurso metodológico fez-se necessário a realização da pesquisa bibliográfica, ou seja, em livros, artigos, além da pesquisa na *internet*, para conhecer melhor o assunto pesquisado. Além desta, fez-se necessário uma pesquisa de campo do tipo exploratória. A abordagem foi qualitativa. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista, na modalidade semiestruturada. A pesquisa foi realizada numa escola municipal de rede pública, da cidade de Joca Claudino/PB. Os sujeitos da pesquisa foram três

professoras, uma da Educação Infantil e duas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A análise dos dados foi realizada a partir do referencial teórico aqui registrado.

Este trabalho tem o propósito de servir de base de estudo para outras pessoas que se interessarem em trabalhar com essa temática ou algo relacionado a ela, e/ou como fonte de pesquisa para realização de outros trabalhos, e ainda, para professores que certamente buscam fontes de pesquisa para melhor entender o desenvolvimento dos alunos em sala de aula.

O trabalho estrutura-se da seguinte forma: O primeiro capítulo aborda a linguagem e suas funções, linguagem oral e linguagem escrita: definição, semelhanças e diferenças. O segundo trata do tema em estudo com maior profundidade, o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança de 4 a 6 anos e o trabalho docente para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita com crianças de 4 a 6 anos; no terceiro, ficam os procedimentos metodológicos. No quarto capítulo tem-se o relato e análise de dados. Por fim, as considerações finais.

## 1 A LINGUAGEM E SUAS FUNÇÕES

A linguagem pode ser entendida como um conjunto de palavras faladas ou escritas e expressões manifestadas através de diferentes elementos emancipatórios de um grupo, como por exemplo, uma carta, telefone, rótulos, sinais e símbolos, com o intuito de transmitir uma forma de interação comunicativa entre indivíduos de uma determinada sociedade.

Assim, a linguagem possui significados diferenciados, pode ser verbal e não-verbal, dependendo da situação ou lugar, dessa forma a primeira é aquela pela qual a comunicação ocorre através de palavras e a segunda utiliza como meio de comunicação os símbolos ou sinais. Linguagem é: “O uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas; a forma de expressão pela linguagem própria dum indivíduo, grupo, classe, etc; vocabulário; palavrado”. (FERREIRA, 2001, p. 427).

Assim, a linguagem possui várias funções, ou seja, as palavras possuem significados diferentes dependendo do contexto, do momento e da situação em que forem expressas. Dessa forma, Dias (2001, p.17) assinala que,

Uma linguagem, seja artística, científica, informativa ou outra, pode manifestar-se oralmente ou na forma escrita. E, dependendo da situação ou do contexto em que alguém está inserido, pode-se optar por um tipo de mensagem ou outro, que melhor se adapte a esse momento vivido.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a linguagem serve tanto para informar, quando se trata de leituras de textos, livros, jornais, revistas, entre outros; para expressar sentimentos, sejam através de autobiografias, poemas, poesias ou diários; expressar normas, tais como: leis, avisos, instruções, etc; ampliar nosso conhecimento, ou seja, possibilitando uma maior amplitude das palavras já conhecidas por nós e até mesmo aumentar nossa comunicação com os demais membros de uma sociedade. Por essa razão, uma pessoa pode manifestar-se através de diferentes formas, dependendo do contexto em que está inserido, pois em nossa própria língua há várias funções que podem ser expressas diferentemente num ato de comunicação.

[...] a linguagem tem funções diversas: dependendo da situação, do contexto, do momento histórico e da mensagem que (o quê, para quê e para quem) queremos transmitir, utilizaremos uma forma/um portador social de texto para expressar o que queremos e, numa outra situação, escolheremos uma maneira diferente (às vezes até usando os mesmos vocábulos) para enviar mensagem (DIAS, 2001, p. 15).

A linguagem é um instrumento de ascensão social, é um ato de identidade social. O indivíduo não escolhe a língua que fala, ele passa por um processo inconsciente de escolha

que está ligado aos múltiplos papéis que cada indivíduo assume na sociedade, determinado pelo ato de comunicação entre os demais povos de uma sociedade.

A língua de um povo constitui-se como um dos seus bens mais preciosos. É na língua que se apresentam refletidas as representações e construções de uma sociedade. É pela língua que se dão as relações de poder e dominação, os consensos, as discórdias, as transmissões culturais. Assim como é pela língua que o sujeito constrói seu lugar na sociedade, também é através dela que é excluído (SOUZA; PAUTZ, 2014, p. 1).

As regiões que formam nosso País são marcadas pela diversidade de raças, povos, e principalmente línguas. Esta, por sua vez, é considerada como uma entidade viva a qual o homem utiliza para se identificar entre os demais povos que compõem o nosso País, assim como também, serve para trocar informações, ideias, entre outras coisas.

A linguagem escrita surgiu para que o indivíduo pudesse se comunicar através de mensagens com outras pessoas distantes no tempo e no espaço. Isso ajudava o ser humano a se desenvolver enquanto ser de domínio e prestígio social e a linguagem é tida como instrumento de ascensão social.

A linguagem no mercado de trabalho é algo imprescindível, pois como diz a sabedoria popular “a comunicação é a alma do negócio”, isso porque quem trabalha no mundo do negócio consequentemente se comunica por telefone, pessoalmente, e nos dias de hoje, principalmente por email.

Algumas profissões exigem ainda mais o domínio da linguagem, como por exemplo, um vendedor ambulante ou até mesmo de comércio, que necessariamente precisa falar muito bem para convencer o cliente a comprar seu produto, que, se por algum acaso ele não possuir o domínio de uma boa linguagem ou não possua um bom vocabulário capaz de formular frases coerentes, necessariamente o próprio vendedor pode fazer com que o cliente não se interesse pelo seu produto.

Marcondes (2003, p. 1) enfatiza que,

Uma comunicação mal feita, seja ela escrita ou falada, pode, muitas vezes, colocar a pessoa ou a situação em risco. Se o emissor da mensagem não souber utilizar as palavras certas e nem formar frases concisas, com começo, meio e fim, o receptor pode não entender ou compreender de maneira incorreta a informação, o que, dependendo da situação, pode causar transtornos enormes.

Assim, é importante sabermos usar a linguagem tanto no nível formal quanto no nível informal, até porque a linguagem formal é socialmente mais valorizada, enquanto a linguagem informal é mais descontraída e popular. Portanto, não há uma importância maior

para uma do que para outra, há uma concordância entre ambas as partes, para que então se possa melhor desenvolver a aprendizagem tanto no âmbito escolar quanto no meio social, formando assim, cidadãos críticos e reflexivos capazes de atuarem de forma mais consciente e propositiva.

### **1.1 Linguagem oral e a linguagem escrita: definição, semelhanças e diferenças**

A linguagem oral é uma habilidade a qual o ser humano se apropria para poder se comunicar com os demais indivíduos, além, de ser considerada como principal meio de comunicação.

Numa sociedade não conseguimos viver sem nos comunicarmos uns com outros, assim, cabe reconhecer que a oralidade é útil e necessária para a convivência social. “[...] A oralidade nasce e se desenvolve a partir das necessidades cotidianas de relação social, da necessidade dos indivíduos se comunicarem e expressarem o mundo, a vida e o pensamento” (DIAS, 2001, p. 53). A fala é um dos meios de comunicação existentes entre os diversos indivíduos que habitam numa sociedade, e evidentemente, se não usufruirmos dela, tampouco ela não servirá para nada.

Desde pequeno começamos a nos comunicar, isso já decorre de nossos antecedentes e isto nos acompanha por toda a vida, só extinguindo-se pela morte ou por alguma doença ou acidente. “[...] A expressão oral se inicia com a convivência no grupo familiar e social, mas, acreditamos, cabe a escola desenvolvê-la ainda mais [...]” (DIAS, 2001, p. 29). A linguagem oral é, portanto um conjunto de palavras que pertencem a um grupo de indivíduos é um ato totalmente individual e que possui um caráter abstrato, que se concretiza através da escrita.

Embora a linguagem oral seja mais praticada entre nós seres vivos, a linguagem escrita é considerada um objeto de caráter permanente, ordenada e organizada pela qual a fala é representada graficamente, mesmo que às vezes de modo imperfeito. “A escrita é um fato histórico e deve ser tratado como tal e não como um bem natural” (MARCUSCHI, 2010, p. 24). A escrita foi um modo o qual os homens da pré-história encontraram para se comunicar com os demais povos daquela época, desde as pinturas em cavernas até a criação do alfabeto, como sendo considerada algo mais duradouro e capaz de ultrapassar as barreiras da oralidade, estabelecendo um contato com sujeitos distantes podendo assim, expressar a mensagem a quem queriam.

Sendo assim, Marcuschi (2010, p. 24) assevera que,

É forçoso admitir que a escrita tem hoje um papel muito diferente do que aquele que ela tinha em outros tempos e culturas. Portanto, a história do papel da escrita na sociedade e da própria relevância da alfabetização não é linear. Nem sempre ela teve os mesmos objetivos e efeitos.

No entanto, a linguagem escrita não se restringe apenas a letras, ela também se amplia através de desenhos, números e até mesmo pequenos rabiscos, tudo depende do modo como compreendemos tal representação.

Para Scarpa (1992 apud GONZALEZ 2004, p. 77) “a linguagem é eivada de interações sociais e de história e não é nada neutra. [...] Linguagem e conhecimento de mundo estão intimamente relacionados e ambos passam pela mediação do outro, do interlocutor”.

Essa definição se refere à linguagem como um todo e não somente à apenas uma linguagem, como por exemplo, a linguagem escrita, afirmando-se que a aquisição desta, contribui na relação entre a oralidade e a escrita das crianças num determinado processo de alfabetização.

A linguagem defini-se como transformadora de indivíduos, seres humanos, até porque é caracterizada como um instrumento de poder e ascensão social, ela por si só compreende o mundo. A linguagem é, pois, compreendida como algo abstrato, porque requer a compreensão do que representa, do que simboliza, como por exemplo, os pensamentos, ideias, interação humana, entre outros.

Segundo Gonzalez (2004, p. 96) “Linguagem é um conceito bastante amplo e, nessa concepção, ler significa muito mais do que decifrar códigos, significa compreender tudo o que nos cerca, o que foi considerado por Paulo Freire uma ‘leitura de mundo’”.

A linguagem é considerada um fator comum a todos, que determina a cultura e o território de um determinado povo. Não há língua que se classifique em melhor ou pior, boa ou ruim, pois no mundo em que vivemos, a diversidade é algo predominante. É através da linguagem que os indivíduos se desenvolvem socialmente e se classificam de acordo com suas características predominantes.

Diante disso, Teles (2014, p. 1) ressalta que,

Não há hierarquia entre os usos variados da língua assim como não há uso lingüísticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade lingüística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. As pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira.

O homem, para comunicar-se, se expressa de várias formas, pois são inúmeras as possibilidades linguísticas, que se apresentam em variações diferentes, classe social, região, idade, situação econômica, entre outros, e tudo depende da situação em que se encontra,

agimos de maneiras diferentes, ou seja, para cada tipo de evento, pessoas e ocasiões, buscamos transformar nossa linguagem para se adequar aquele momento.

Na atualidade não se pode pensar em fala e escrita separadas, pois tais habilidades são consideradas como um conjunto de práticas sociais que se distribuem diferentemente nos usos da vida cotidiana. Não obstante isso, a linguagem oral é considerada primária e que todos os povos, sem restrições, possuem ou possuíram.

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que se instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê (MARCUSCHI, 2010, p.18).

A linguagem oral caracteriza-se pelo jeito como se exprime os sons por ela articulados e significativos, como os gestos e movimentos expressados pelo corpo humano. Entretanto, isto não significa que a oralidade tenha uma importância superior a escrita, pois apesar de não conseguir reproduzir os recursos expressivos da oralidade, a escrita possui seu próprio modo de se apresentar, quer seja pelo tamanho, cor e tipo de letras, quer seja pelos gestos e mímicas representados através de figuras.

[...] a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável (MARCUSCHI, 2010, p.18).

Não obstante isso, Vygotsky (1994 apud GONZALEZ 2004, p. 97) explica a condição de representação da escrita ao comprovar, através das suas pesquisas, que a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos, afirmando que a única forma de nos aproximarmos do modo como ocorre a aquisição da escrita é por meio da “compreensão de toda a história do desenvolvimento dos signos na criança”.

A linguagem escrita manifesta-se através de letras, palavras, frases, que a criança ao ouvir, vai compreendendo o que significa e venha a ser o que ela mesma fala e assim adquirindo formas que vão se ampliando para fins comunicativos mais avançados como os desenhos, gráficos, entre outros.

[...] Ainda que se saiba falar adequadamente, ainda que se façam todas as discriminações perceptivas aparentemente necessárias, isso não resolve o problema central: compreender a natureza desse sistema de representação. Isso significa, por exemplo, compreender por que alguns elementos essenciais a linguagem oral (a entonação, entre outros) não são retidos na representação, apesar de pertencer a “classes” diferentes. Significa compreender por que se ignoram as semelhanças no significado e se privilegiam as semelhanças sonoras, por que se introduzem

diferenças na representação ao invés das semelhanças conceituais, etc. (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p. 39).

Sendo assim, ambas as linguagens apresentam características distintas que se modificam de acordo com o modo a qual o indivíduo as utiliza, ou seja, o homem utiliza a linguagem de modos diferenciados, de acordo com o que acontece naquele momento, naquela ocasião, isto é, adequa-se a situações diferentes. É o que Gonzalez (2004, p. 92-93) salienta,

Considerar a linguagem como expressão humana é o que os estudos da área de educação e infância vêm indicando para o trabalho voltado às crianças, no sentido de compreender suas formas de ser e estar no mundo, de entender que a criança tem um jeito particular de perceber e agir sobre as coisas ao seu redor e que esse jeito particular não é superior ou inferior a qualquer outro, é apenas distinto.

Para Rubinstein (1973 apud CRUZ 2009, p. 7) “a diferença entre linguagem escrita e a linguagem oral está no fato de que na linguagem oral há o contato direto entre os interlocutores, enquanto na linguagem escrita o contato é mediado pelos signos. [...] Na linguagem escrita, temos o caráter representativo do sistema alfabético, composto por suas letras, símbolos, notações lexicais que designam os sons da linguagem oral”.

Portanto, considerando que as linguagens são vistas como práticas e atividades interativas e complementares do meio cultural e do meio social, não se pode determinar que uma seja melhor que a outra, pois seria desconsiderar que estas são vistas como interativas e complementares, pois a partir do momento que cada indivíduo consegue se comunicar, a linguagem seja oral ou escrita, já teve sua função exercida.

## **2 O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA CRIANÇA DE 4 A 6 ANOS**

As crianças, desde muito cedo até quando ainda bebê necessita da linguagem para poder se comunicar com as pessoas que convivem ao seu lado, através do choro, imitação de gestos e movimentos que se manifestam através de uma linguagem considerada informal, o que nos leva a pensar no aspecto formal e sistematizado da linguagem, em que as crianças começam a desenvolver sua capacidade de raciocínio, coordenação motora e aprendizagem.

Desse modo, Sasso (2007, p. 6) ressalta que,

Desde muito cedo a criança se utiliza principalmente da linguagem oral para se comunicar quer seja em situações formais nas instituições que elas vêm a frequentar: as creches ou escolas de educação infantil. É nesse ambiente, na interação com crianças de sua faixa etária e com os profissionais dessa área que a criança enriquece seu repertório de palavras e de ações, gestos e comportamentos muitas vezes utilizados para resolver os problemas que surgem no dia a dia.

A oralidade é a ferramenta que a criança utiliza ao se comunicar com os demais, é o modo que encontra para poder explicar os acontecimentos vivenciados no seu cotidiano, a partir daí passa a expressar desejos, necessidades, assim como também passa a ter uma maior aproximação com os adultos o que faz com que seu desenvolvimento seja cada vez mais ampliado. Com o desenvolvimento da fala a criança passa a ampliar seu intelecto, ou seja, começa a desenvolver o lado da escrita em que ela vai transformar o seu mundo abstrato, imaginário em algo mais concreto e específico.

A apropriação do código escrito envolve a percepção, a compreensão, a atenção da criança para a constituição da palavra, ou seja, para cada uma das letras. De início a criança pressupõe que uma série de elementos possui vínculos externos, mas ainda esses elementos apresentam-se dispersos em uma organização interna. A apropriação da linguagem escrita requer consciência, formulação lógica e coerência, processos que promovem, na criança, ampliação de seus processos psíquicos (CRUZ, 2009, p. 6).

Portanto, a criança na medida em que vai se desenvolvendo, vai também associando imagens, falas, objetos e vai modificando tudo de acordo com suas necessidades e interesses, assim a linguagem é regulada por uma ação dinâmica entre a oralidade e a escrita.

Assim, as crianças adquirem um melhor desenvolvimento quando se relacionam, interagem com adultos, esses, por sua vez são portadores de culturas, ou seja, interações as quais trazem consigo os diferentes sistemas de comunicação, como os signos, símbolos, sinais, que em um primeiro momento possuem apenas função de se comunicar e logo depois

de individualidade, assim, eles passam a ser utilizados como uma forma de organização e comportamento social do indivíduo na sociedade.

O papel dos adultos, como representantes da cultura no processo de aquisição da linguagem pela criança e de apropriação por ela de uma parte da cultura - a língua -, conduz à descrição de um novo tipo de interação [...]. De fato, além da interação social [...], há também uma interação com os produtos da cultura. É desnecessário dizer que não se pode separar ou distinguir claramente estes dois tipos de interação, que se manifestam, muitas vezes, sob a forma de interação sociocultural (IVIC, 2010, p. 19).

Dessa maneira, o desenvolvimento da criança não se restringe apenas as mudanças no seu interior, mas também a um desenvolvimento que se classifica de duas concepções diferenciadas: as produções exteriores que correspondem às mudanças psicológicas e os instrumentos criados pelo homem no decorrer da história que retratam a realidade do indivíduo e que podem ser utilizados para controlar as ações exercidas pelos mesmos e que coordenam e desenvolvem suas capacidades enquanto interagem entre si.

[...] a perspectiva histórico-cultural, hegemônica nos estudos sobre a infância, não está pautada na idéia de que as potencialidades da criança são inatas, mas sim de que só a partir das relações sociais a criança se torna comunicável com o que a rodeia (GONZALES, 2004, p. 94).

A própria linguagem da criança requer além de uma relação de vínculos associativos da família, uma nova fase, esta por sua vez, caracterizada pelos processos entre o signo, símbolos e toda uma estrutura intelectual da própria criança, é nesse período que elas associam figuras a objetos, nomes a tamanhos, até chegarem a uma compreensão definida e organizada.

Nesse estágio de seu desenvolvimento, a criança pensa, por assim dizer, em termos de nomes de famílias; o universo dos objetos isolados torna-se organizado para ela pelo fato de tais objetos se agruparem em “famílias” interligadas (IVIC, 2010, p. 48).

Dessa forma, a criança nesse estágio de desenvolvimento associa melhor o significado das coisas quando o abstrato está relacionado com o concreto, podendo assim relacionar um objeto com suas características e semelhanças específicas ou até mesmo diversificadas.

É importante que as crianças escrevam espontaneamente, ou seja, do seu jeito, sem a interferência de alguém ou de algum adulto, e para que isso ocorra é necessário que haja uma estimulação por parte da sociedade, dessa forma, se tornam mais confiantes em si próprias. Assim elas se sentirão mais capazes de construir suas próprias informações e ajustá-las como

assim desejar, isto possivelmente ajudará as crianças a se tornarem mais criativas, se desenvolvendo e avançando em seus conhecimentos.

As atividades lúdicas têm a função de revelar o real, considerando as aptidões e os obstáculos revelados pela criança, pois na necessidade de brincar elas agem naturalmente, usam a imaginação e enriquecem a aprendizagem. A inclusão das atividades lúdicas na ação pedagógica são artifícios eficientes que facilitam o aprender do educando através do que ele faz, desenvolvendo inúmeras atividades que contribuem para a sua vivência e compreensão do mundo. É importante ressaltar que tais atividades se referem basicamente ao aprender, pois através delas surge também a necessidade de juntar as habilidades do pensamento, da criatividade e da concentração, sendo que essas atividades têm uma função socializadora.

Nesse sentido, é que se apresentam agora as diferentes fases da escrita pelas quais as crianças passam no decorrer de seu desenvolvimento. Esses períodos expressam o processo de como se dá a representação da escrita no contexto social das crianças, períodos esses que foram elaborados com a psicogênese da escrita por Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

- *No período pré-silábico*, a criança ainda não entende que a escrita registra a sequência de “pedaços sonoros” das palavras. Num momento muito inicial, a criança, ao distinguir desenho de escrita, começa a produzir rabiscos bolinhas e garatujas que ainda não são letras. À medida que vai observando as palavras ao seu redor (e aprendendo a reproduzir seu nome próprio ou outras palavras), ela passa a usar letras, mas sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever. [...] Pode, inclusive, apresentar o que alguns estudiosos chamaram de realismo nominal, que leva a pensar que coisas grandes (casa, carro, boi) seriam escritas com muitas letras, ao passo que coisas pequenas (formiguinha, por exemplo) seriam escritas com poucas letras [...]
- *No período silábico*, ocorre uma revolução. A criança descobre que o que coloca no papel tem a ver com as partes orais que pronuncia, ao falar as palavras. [...] Num momento de transição inicial, a criança ainda não planeja, cuidadosamente, quantas e quais letras vai colocar para cada palavra, mas demonstra que está começando a compreender que a escrita nota a pauta sonora das palavras, porque, ao ler o que acabou de escrever, busca fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel, de modo a não deixar que sobrem letras (no que escreveu) [...]
- *No período silábico-alfabético*, um novo e enorme salto qualitativo ocorre e a criança começa a entender que o que a escrita nota ou registra no papel tem a ver com os pedaços sonoros das palavras, mas que é preciso **observar os sonzinhos no interior das sílabas**. [...] Nesse período, um dos desafios centrais é o de ampliar o domínio das correspondências grafofônicas (entre as letras e seus respectivos sons), caminhando para a consolidação da compreensão do princípio de que as sílabas possuem **pedaços** menores que sempre devem ser grafados (fonemas) [...]
- Finalmente, *no período alfabético*, as crianças escrevem com muitos erros ortográficos, mas já seguindo o princípio de que a escrita nota, de modo exaustivo, a pauta sonora das palavras, colocando letras para cada um dos **sonzinhos** que aparecem em cada sílaba, pois acreditam que a escrita é a transição exata da fala. É apenas nesta fase que as crianças devem começar a refletir de forma sistemática sobre as convenções ortográficas, assim como só a partir daí é que se recomenda a escrita freqüente em letra cursiva. [...] Devemos estar alertas, no entanto, para o fato

de que ter alcançado uma hipótese alfabética não é sinônimo de estar alfabetizado [...] (MORAIS et al, 2012, p. 13).

No entanto, passando por essas fases é que as crianças consolidam o ato de alfabetização, que conseqüentemente é um direito de aprendizagem de todas elas, e que irá permitir que elas próprias possam ler e produzir seus pequenos textos, do jeito que lhes convier.

## **2.1 O desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança na orientação do RCNEI e PCN**

Em alguns discursos acredita-se que o aprendizado da linguagem oral é tido como um processo espontâneo, que acontece em função do amadurecimento biológico e que se desenvolvem através de atos e ações educativas projetadas com a intenção de ampliar essa aprendizagem, em outras palavras, acredita-se que a influência direta do adulto é imprescindível e definitiva para a aprendizagem da criança.

Diante desta compreensão, espera-se que se derivem orientações para que os adultos ensinem às crianças pequenas classificações de palavras, na qual a aprendizagem se dá de forma cumulativa e vai se ampliando de maneira gradativa. Convém destacar que a partir desse pressuposto deve-se conduzir a prática educativa, posto que essa é uma ação impregnada de intencionalidade.

Dependendo da importância que tem a escrita no meio em que as crianças vivem e da frequência e qualidade das suas interações com esse objeto de conhecimento, suas hipóteses a respeito de como se escreve ou se lê podem evoluir mais lentamente ou mais rapidamente. Isso permite compreender por que crianças que vêm de famílias nas quais os atos de ler e escrever têm uma presença marcante apresentam mais desenvoltura para lidar com as questões da linguagem escrita do que aquelas provenientes de famílias em que essa prática não é intensa (BRASIL, 1998, p. 122).

Para que haja um maior desenvolvimento da aprendizagem da criança é necessário também a criação de situações diferenciadas, ou seja, a partir de informações provenientes de diversos tipos de intervenções sociais e até mesmo a partir das próprias ações, como por exemplo, quando observam diferentes atos de leitura e escrita da família, tais como: ler jornais, livros, revistas, fazer uma lista de compras, anotar um recado, seguir uma receita culinária, escrever uma carta, entre outras situações, assim, elas apreendem melhor as informações e desenvolvem suas capacidades de pensar e agir no meio em que vivem.

Especificamente na área de linguagem oral e escrita, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (BRASIL, 1998) registra que a linguagem é entendida como

importante meio de formação do sujeito, podendo então assim, interagir com as demais pessoas que o cercam, sob orientação de demais pessoas e familiares, assim, as crianças vão construindo conhecimentos, desenvolvendo seu pensamento e modos que representem sua realidade. Assim, um bebê ao emitir sons, pequenos gestos quando está sozinho, está estabelecendo formas de interagir e de se comunicar com as demais pessoas que o cercam, como é o caso do professor, que deve procurar sempre estimular, criar situações que façam as crianças se desenvolverem melhor, como por exemplo: trazer suas imaginações, suas ideias para serem trabalhadas em sala de aula, produzindo textos criativos e ilustrados, assim como também, trabalhar as expressões corporais.

Além da linguagem falada, a comunicação acontece por meio de gestos, de sinais e da linguagem corporal, que dão significado e apoiam a linguagem oral dos bebês. A criança aprende a verbalizar por meio da apropriação da fala do outro. Esse processo refere-se à repetição, pela criança, de fragmentos da fala do adulto ou de outras crianças, utilizados para resolver problemas em função de diferentes necessidades e contextos nos quais se encontre [...] (BRASIL, 1998, p. 125).

Desse modo, aprender a falar, não se baseia apenas na mera memorização de sons e palavras, mas sim, consiste na articulação de gestos, da fala ligada as expressões faciais. Portanto, a aquisição da fala é também concebida através da reflexão, do pensamento, de atos, sentimentos, entre outros.

A ampliação da linguagem oral na criança não é relativa, mas acontece numa demanda de aproximações consecutivas com pessoas que vivem ao seu redor, como por exemplo, sua própria família, ou até mesmo aquelas falas ouvidas através da televisão, rádio e outros meios de comunicação.

Assim, nas mais variadas interações com a linguagem oral, as crianças em seu convívio familiar e escolar, vão buscando desvendar as proporções que a constitui, utilizando-se de alguns meios às quais eles já possuem: a conversa com amigos, histórias contadas por pessoas próximas a elas, etc.

O RCNEI (BRASIL, 1998) assinala que as crianças têm ritmos próprios e a conquista de suas capacidades linguísticas se dá em tempos diferenciados, sendo que a condição de falar com fluência, de produzir frases completas e inteiras provém da participação em atos de linguagem. Diante dessa afirmação, percebe-se que a criança se desenvolve com mais precisão a partir do momento em que ela significativamente busca utilizar-se de outros recursos da linguagem, ou seja, expressar-se simbolicamente quando desejar algo, falar o que gosta ou não, havendo assim, um predomínio maior da linguagem no seu próprio modo de ver o mundo.

A criança amplia sua comunicação oral a partir do momento que ela, de um modo formal ou informal, participa gradativamente de situações de escutas de músicas, historinhas, brincadeiras, leituras textuais, entre outros, no entanto, o envolvimento com outras crianças do seu cotidiano, faz com que a linguagem flua com mais vigor e eficácia.

Atualmente, as crianças já nascem numa sociedade letrada, em que a maioria das pessoas se comunicam através da escrita, é por meio desse contato diferenciado com tal linguagem em seu ambiente familiar e social que as crianças desvendam a representação da comunicação, assim, desenvolvendo interesse e curiosidade pela linguagem escrita. Perante a sociedade letrada que as crianças habitam, a curiosidade em querer descobrir o que as cercam, fazem com que elas façam perguntas relacionadas às escritas que elas enxergam ao seu redor, tentando entender o que realmente significa a escrita e o que ela representa para a sociedade.

Nesse contexto, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 128) assinala,

Sabe-se que para aprender a escrever a criança terá de lidar com dois processos de aprendizagem paralelos: o da natureza do sistema de escrita da língua – o que a escrita representa e como – e o das características da linguagem que se usa para escrever. A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos, para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, e às práticas de escrita, para que possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente.

As crianças, aos poucos vão tomando consciência da linguagem escrita e o que ela revela no meio em que vive, a partir do momento em que ela vai realizando produções escritas e/ou rabiscos de letras ou até mesmos desenhos, assim, a criança adquire gradualmente as características formais dessa linguagem.

O RCNEI (BRASIL, 1998) salienta que, desde muito pequenas, as crianças podem usar o lápis e o papel para imprimir marcas, imitando a escrita dos mais velhos, assim como utilizam-se de livros, revistas, jornais, gibis, rótulos etc. para “ler” o que está escrito. Esse ato de “ler” está relacionado a imitar sons e gestos que os pais, professores, e demais pessoas que convivem com elas fazem, ao estarem lendo algo no seu cotidiano. Nesse sentido, é preciso considerar que,

No processo de construção dessa aprendizagem as crianças cometem “erros”. Os erros, nessa perspectiva, não são vistos como faltas ou equívocos, eles são esperados, pois se referem a um momento evolutivo no processo de aprendizagem das crianças. Eles têm um importante papel no processo de ensino, porque informam o adulto sobre o modo próprio de as crianças pensarem naquele momento. E escrever, mesmo com esses “erros”, permite às crianças avançarem, uma vez que só escrevendo é possível enfrentar certas contradições (BRASIL, 1998, p. 128).

Dessa maneira, as crianças vão construindo um aprendizado maior com relação à produção de textos antes mesmo de aprender a escrita padronizada e convencional, isso é claro, contando também com ajuda de seu professor e pessoas que convivem próximas a elas, pois elas não possuem ainda total autonomia para ler e escrever textos diversificados. Assim, o papel do professor nesse momento é estimular as ideias que vem das crianças para que assim elas mesmas possam criar sempre mais. Cabe ainda destacar que a escrita é um código e que por si só a criança não terá como aprendê-lo, exemplo disso é que as pessoas ficam adultas, e embora convivendo numa sociedade letrada, permanecem analfabetas. Podemos então depreender que a escrita precisa ser ensinada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), especificamente, de Língua Portuguesa, ressalta que a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. Diante disso, a linguagem é tida como uma configuração da atividade individual norteada por diferentes grupos, com objetivos específicos, no intuito de se formar uma realidade concreta das práticas sociais existentes numa sociedade, nos mais diferenciados momentos de sua vida.

## **2.2 O trabalho docente para promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita com crianças de 4 a 6 anos**

Atualmente, o domínio da linguagem oral e escrita, exerce um papel fundamental para a participação social efetiva da criança, pois é por meio de tais habilidades que a criança pode se comunicar, expressar ideias e sentimentos, construir visões e produzir novos conhecimentos.

Assim, o professor ao exercer o papel de educador, possui a responsabilidade de garantir a todos os alunos saberes necessários para que estes possam exercer o papel de cidadão, ao mesmo tempo em que deve deixar o aluno livre para expressar seu próprio modo de escrever e falar sem apontar em direto se aquilo está certo ou errado, ou seja, esse erro pode ser algo que o referido aluno adquiriu na sua cultura e que para ele pode não ser considerado errado, isso não quer dizer que o aluno não saiba escrever ou ler, precisa apenas que o professor saiba dar exemplos apropriados para que eles entendam que certas falas ou escritas não são adequadas para tal situação. “Trabalhar desde o início do letramento coma responsabilidade de grafiação da forma dicionarizada é um acréscimo prematuro de

complexidade que pode atropelar o processo; e quase sempre o faz” (SIMÕES, 2006, P. 49). Por essa razão, os erros podem ser vistos como um apontador dos conhecimentos adquiridos e construídos pelas crianças, ou seja, um erro pode implicar na construção de um novo saber.

O educador pode utilizar os próprios erros dos alunos para planejar atividades que venham ajudá-los a superar suas limitações e então progredir cognitivamente, como por exemplo, desenvolver atividades que envolvam a ortografia de forma lúdica, ou até mesmo fazer os trabalhos individuais e grupais, utilizando recursos que levem em consideração a linguagem oral e linguagem escrita, como recursos do próprio meio, televisão, som, aparelhos de DVD, entre outros. Enfim, o professor pode e deve planejar e propor situações que estimulem o desenvolvimento da oralidade e escrita das crianças, e que acima de tudo melhore seu repertório linguístico.

Estimulando a oralidade nas escolas [...], o trabalho de alfabetização se tornará enredado pela cultura e saberes populares, contribuindo para que a reflexão sobre os aspectos particulares da língua escrita [...] seja instigante para as crianças (SÁ; MESQUITA, 2012, p. 29).

O professor deve enriquecer sua prática trabalhando com os mais diversos tipos de gêneros orais, as quais possuem características próprias, como por exemplo, músicas, repentes, entre outros, que podem constituir uma variedade de textos escritos. O educador deve intencionalmente instigar a cultura oral da criança para que ela possa desenvolver-se oralmente e, a partir desta, construir textos escritos riquíssimos em informações, isso irá favorecer uma melhor utilização da escrita.

Um exemplo de cultura oral que passou a ser registrada e constitui expressiva arte popular é a literatura de cordel. A linguagem, os símbolos, a força da oralidade presentes no cordel constituem material textual significativo para as populações do campo, por meio do qual as crianças podem ser levadas a refletir tanto sobre os aspectos materiais da língua escrita, como também a desenvolver sua oralidade, musicalidade, interpretação cênica etc. (SÁ; MESQUITA, 2012, p. 29).

Para um melhor desenvolvimento da oralidade das crianças, muitos professores buscam incentivar a aprendizagem dos educandos se apropriando de diversos meios educativos, ou seja, conhecimentos que eles já possuem, para que assim ocorra um confronto entre ideias criadas por eles próprios, gerando valiosas produções textuais. Trabalhar com receitas, anúncios e brincadeiras nas aulas, torna a aprendizagem mais significativa, em que as próprias crianças irão buscar interpretar e estruturar seus conceitos, dar sua própria opinião, e assim, desenvolver seu raciocínio argumentativo. Essas aprendizagens são de fundamental importância para uma melhor interação entre as linguagens oral e escrita.

Na etapa de desenvolvimento da linguagem na criança as atividades lúdicas constituem um imperativo, pois o lúdico é toda e qualquer atividade que executamos de forma espontânea, é a maneira ideal de desenvolver a criatividade das crianças por meio de brincadeiras diversas, desenhos, literatura infantil, música, entre outras. A fase da infância é o tempo propício para desenvolver a aprendizagem e o pensamento da criança relacionada à linguagem sendo necessárias para isso, experiências que lhes proporcionem a interação com outras pessoas e com o mundo em geral. E através do lúdico que se manifestam as mais diversas formas de interação entre as crianças, que ao trabalharem coletivamente produzem uma rica e prazerosa fonte de experiências e aprendizagens, caracterizada pela troca de conhecimentos. Desse modo,

A ludicidade nos estimula no sentido de desenvolvermos diferentes habilidades nos campos da expressão (oral, corporal, etc.) e da criatividade. Livres pra criar, é brincando que as crianças (re)traduzem seus universos e significam jogos e brincadeiras, (re)descobrimo letras e fonemas, (re)escrevendo histórias que retratam vidas (SILVA; LIMA, 2012, p. 11).

O desenho e a brincadeira ajudam as crianças a desenvolverem a compreensão de mundo, a partir daí manifestam-se por meio de representações simbólicas relacionadas com gestos. Ao desenhar, a criança expressa aquilo que ver ao seu redor, e que conseqüentemente, pode ser ilustrado por meio de representações ou brincadeiras.

A criança vivencia, experimenta e apreende o mundo por meio de diferentes formas de interação com o outro e com os objetos. O uso de diferentes linguagens é o que lhe permitirá comunicar-se e compreender idéias, sentimentos e a organizar seu pensamento. O desenho, a brincadeira, a pintura, a linguagem corporal, dentre outras, são formas de linguagem que lhe permitirão o acesso aos símbolos e signos culturais e a possibilidade de construção de novos símbolos e signos que orientarão seu comportamento, sua maneira de ver, sentir e viver (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p. 64).

Podemos depreender então que a criança se expressa por meio de várias formas particulares de linguagem, como por exemplo, palavras, gestos, desenhos, entre outros, considerados como instrumentos de apropriação das mesmas, mediatizadas com o meio em que vivem.

Assim, a brincadeira, o desenho, os jogos, propiciam à criança uma nova forma de compreensão da relação linguagem e lúdico, possibilitando as crianças demonstrarem seus pensamentos abstratos em ações concretas.

São tantas possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com

os parceiros nos momentos das brincadeiras, dos desenhos [...] desenho e brincadeira são atividades que levam diretamente à escrita, porque a divergência entre o campo do significado e o da visão de repete no início do processo de alfabetização, quando a criança percebe que pode desenhar também a fala (MONTEIRO; BAPTISTA, 2009, p. 65).

Ao brincar as crianças vão desenvolvendo a oralidade e construindo estruturas de pensamento para futuramente compreender e utilizar a parte simbólica que é a escrita, além de desenvolver sua capacidade e habilidade de percepção e a afetividade e interação com o outro. Isso acontece a partir de quando o bebê começa a brincar com sua mãozinha e, posteriormente com a sua mãe.

É dessa maneira que a criança processualmente vai adquirindo coordenação motora, no qual seus gestos surgem intencionalmente e precisamente, aprendendo a interagir com outras crianças que convivem no seu meio social, ao mesmo tempo em que vão se tornando autônomas e socializadoras.

Nessa perspectiva, a linguagem deve ser abordada também como atividade lúdica, voltada para um melhor desenvolvimento das capacidades motoras, cognitivas e sócio afetivas das crianças. Sendo assim, relacionadas ao cotidiano de cada uma delas, compreendida como um processo de trocas de experiências entre ambas.

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais [...] A educação infantil ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças. Essa ampliação está relacionada ao desenvolvimento gradativo das capacidades associadas às quatro competências lingüísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever (BRASIL, 1998, p. 117).

No meio educacional o trabalho com a linguagem oral e escrita, na maioria das vezes, tem se limitado a algumas atividades, como por exemplo, repetitivos ditados e as rodas de conversa, que embora sejam bem organizadas com a intenção de desenvolver a linguagem, acabam se tornando de modo geral, um monólogo, em que apenas o professor fala e as crianças, geralmente, escutam e respondem algumas perguntas lançadas pelo professor, em grupo ou individual, mas que por sua vez, a atenção centra-se totalmente no professor.

Ainda há uma crença de que o desenvolvimento da linguagem está ligado às determinadas habilidades motoras que as crianças trazem consigo desde seu nascimento, ou seja, biologicamente, e que inevitavelmente, são necessárias para aprender a ler e escrever, ocorrendo assim, pouca interferência do meio externo que a rodeia.

Sendo assim, os educadores ao realizarem as tarefas escolares, devem abordar atividades que possam atrair a atenção das crianças, tais como: uso de fantoches para recontação de historinhas, massas de modelar, pinturas e desenhos, tornando as atividades mais socializadoras entre ambas as crianças.

Portanto, a formação do professor favorece de modo intencional e adequado para o bom desenvolvimento da oralidade e escrita da criança. Os processos de formação e atuação do professor são vistos como oportunidades de superação e crescimento intelectual, ou seja, é através deles que se adquire e desenvolve habilidades que necessariamente ajudam a inovar em suas práticas de ensino.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho teve como objeto de estudo o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança de 4 a 6 anos, buscou atender aos seguintes objetivos: analisar como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança de 4 a 6 anos; refletir sobre o que é linguagem e suas funções no contexto social da escola; identificar quais são as semelhanças e diferenças existentes entre a linguagem oral e escrita; identificar as diversas formas de se trabalhar essas linguagens na prática docente.

Para o desenvolvimento do referido trabalho, foi feita uma pesquisa acerca do assunto abordado, a qual trará contribuições necessárias para um maior entendimento do objeto de estudo aqui tratado. Para Demo (2002 apud PIANA 2009, p.168)

Em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação.

Para tanto, a investigação requer uma pesquisa bibliográfica, ou seja, em livros, artigos, além da pesquisa pela *internet*, para assim obter um melhor conhecimento teórico do assunto pesquisado, permitindo ao pesquisador, entrar em contato com conhecimentos já consolidados, e assim, poder analisar o assunto através de outras fontes que necessariamente contribuem para a construção do novo conhecimento acerca do objeto de estudo. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa de campo do tipo exploratória “[...] aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado [...]” (GONSALVES, 2003, p. 65).

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista. Segundo Mazzoti e Gewandoznajder (2014 apud ANTUNES. ET AL 2014, p. 4042).

As entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecida para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

Escolhemos a entrevista por possibilitar uma maior flexibilidade nas perguntas e, conseqüentemente, obtenção dos dados coletados com relação ao trabalho realizado pelo docente. A modalidade da entrevista foi semiestruturada, porque as perguntas podem ser abertas, dando a oportunidade do educador justificar ou não suas respostas.

A pesquisa de campo foi numa Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, da rede pública, localizada na cidade de Joca Claudino – PB.

Segundo Gonsalves (2001, p.67),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

Os sujeitos da pesquisa foram três professoras, sendo uma da Educação Infantil e duas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste trabalho os sujeitos da pesquisa são designadas de professora A, professora B e professora C.

A professora A leciona nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental há três anos, no momento está cursando Pedagogia.

A professora B também leciona nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental há quatro anos, formada em Pedagogia desde o ano de 2013.

A professora C atua na Educação Infantil, nível II, há quatro anos, formada em Pedagogia desde o ano de 2013.

A análise dos dados foi realizada através de comparações de dados empíricos e respostas obtidas com a coleta de dados feitas com as professoras entrevistadas, relacionando assim, com o referencial teórico que fundamenta este trabalho.

A abordagem da pesquisa é do tipo qualitativa. Segundo Gonsalves (2003, p. 68) “[...] a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”. Por tratar-se de um processo de análise é que optamos por uma abordagem qualitativa.

## 4 RELATO E ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo de investigar como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita nas crianças de 4 a 6 anos, foram entrevistadas três professoras que atuam na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As entrevistas foram realizadas pessoalmente com cada sujeito da pesquisa, dependendo da disponibilidade de cada uma delas. Para assegurar o anonimato, as professoras foram designadas por letras: professora A, professora B e professora C.

### 4.1 Fala das professoras entrevistadas

Na perspectiva de conhecer as concepções das entrevistadas acerca do desenvolvimento da linguagem na criança, indagamos: o que você entende por desenvolvimento da linguagem da criança?

O desenvolvimento da linguagem na criança é quando se tem no início do ciclo de alfabetização o direito de aprender a ler e a escrever com mediação do professor e em situação mais autônoma, no final do ciclo, chegar a ler para aprender a escrever e assim seguir a escolarização, o que significa uma evolução necessária para que a criança se torne uma estudante cidadã. (Professora A)

Percebe-se o desenvolvimento da linguagem quando a criança sabe o que faz parte do seu meio, trabalha com as práticas da leitura e da escrita, identificando toda manifestação de leitura e escrita como algo singular e mediado de significados. (Professora B)

Diante das respostas dadas pelas entrevistadas pode-se notar que as professoras A e B desconhecem como se dá o desenvolvimento da linguagem da criança, pois de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998) registra que as brincadeiras e interações que se estabelecem entre os bebês e os adultos incorporam as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo. A criança não desenvolve sua linguagem somente quando passa a viver no convívio escolar ou quando já se manifesta por meio da leitura e escrita, mas sim, a partir do momento que vem ao mundo. Entretanto, o desenvolvimento da linguagem na criança é favorecido pelas vivências no seu meio, e que se ampliam a partir das relações estabelecidas com os demais.

Todavia, como explicitado acima, toda e qualquer criança apresenta uma língua considerada natural, sem interferência nenhuma, claro que, até chegar ao nível de escolarização. A partir daí, as crianças passam a adquirir uma linguagem com regras,

símbolos, significados diversos e naturalmente complexa. Como mostra a professora C em seu relato,

O desenvolvimento da linguagem na criança é muito importante, é a necessidade de comunicação que todos nós seres humanos trazemos conosco desde os primórdios da humanidade. Ao nascer a criança não tem nenhum entendimento do que se diz, mas aos poucos ela começa a desenvolver sua linguagem, com sons e gestos até conseguir desenvolver por completo sua oralidade.

A professora C relata a realidade que vemos no nosso dia a dia. As crianças nascem sem compreensão do que seja linguagem e aos poucos vão desenvolvendo-a, seja através da interação com os familiares ou com os demais que a cerca. Porém, uma advertência deve ser enfatizada, ou seja, devem ser ressaltadas as experiências diferenciadas de cada criança, isto é, a comunidade a qual individualmente cada uma pertence, pois em algumas situações a criança passa a maioria do tempo com babás ou em berçários de creches, ou seja, longe do convívio afetivo dos pais, em outras, as crianças recebem mais atenção dos pais e mais distante do convívio com pessoas consideradas diferentes para elas, enfim, nesses casos, as crianças, enquanto seres que se desenvolvem no meio social, passam a adquirir a linguagem que prevalece naquele local, naquela comunidade.

Desse modo, as crianças se manifestam quando brincam com objetos que fazem barulhos, produzem sons que somente seus pais entendem, é assim, até chegar na etapa da alfabetização escolar. Cujo nível de desenvolvimento da linguagem chega a dominar o código escrito, nessa etapa, a participação do professor é essencial e proeminente, pois, é um profissional que necessariamente está capacitado para trabalhar com os níveis de desenvolvimento da criança.

Em relação à importância que elas conferem ao desenvolvimento da oralidade, percebe-se que as professoras entrevistadas conseguem demonstrar em seus relatos, que no meio educacional em que atuam, há uma certa valorização da oralidade, como registro abaixo.

De acordo com a entrada das crianças cada vez mais cedo nas escolas, torna-se necessário refletir sobre a importância do desenvolvimento da oralidade, pois a criança necessita da fala para poder se comunicar com as pessoas que a rodeia e com as demais crianças. Eu como educadora, percebo que para se escrever bem é preciso desenvolver primeiramente a oralidade da criança. (Professora A)

É importante desenvolver a oralidade, para que as crianças possam se comunicar com clareza, podendo assim ter um pensamento mais organizado e uma linguagem bem desenvolvida para que se sinta segura mediante ao que vai falar. (Professora B)

O desenvolvimento da oralidade é muito importante, pois é a partir daí que surgem as comunicações entre as crianças, que com a inserção na escola se aprimora sua

oralidade, trabalhando com elas desde as séries iniciais para que se promova interesse e curiosidade que é isso que estimula a criança a aprender. (Professora C)

Percebe-se que há pontos comuns entres os relatos das entrevistadas, como por exemplo, desenvolver bem oralidade para poder se comunicar com as demais pessoas, e isso é interessante, pois mostra que, como professoras que atuam nos primeiros níveis psicogenéticos de alfabetização, as entrevistadas procuram desempenhar bem suas práticas pedagógicas quanto ao desenvolvimento da oralidade, assim, torna-se evidente o esforço para desempenhar bem as ações de modo a progredir e enriquecer seus conhecimentos, e assim, melhorar ainda mais o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Analisando estes relatos, não podemos deixar de nos reportar ao RCNEI (BRASIL, 1998, p.119) quando assinalam que “em algumas práticas se considera o aprendizado da linguagem oral como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica; prescinde-se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem”. Assim, podemos ver que as crianças ao nascerem já possuem uma linguagem, que, por sua vez, com o tempo e a convivência com outras pessoas vai se desenvolvendo e ganhando forma e características próprias até chegar ao aprimoramento do aprendizado, que é quando ocorre a inserção da criança na escola, a partir dessa fase, a criança passa a se comunicar com mais habilidade diante das ocasiões que vão surgindo em seu percurso escolar e cotidiano, ou seja, não só na escola, mas em passeios, viagens, festinhas, e assim, passam a se relacionar com facilidade com outras crianças.

Examinando os relatos relacionados às atividades que as entrevistadas realizam para trabalhar e desenvolver a oralidade das crianças, observa-se que as professoras utilizam materiais que estimulam a curiosidade das crianças e isso é muito bom, pois criança sempre se interessa por algo diferente e que não é rotineiramente apresentado na escola, até porque, atividades repetitivas não estimulam o aprendizado, mas sim, faz com que ela se afaste cada vez mais da escola, por não ser atrativo o que lhes oferecem.

Vejamos o relato das entrevistadas acerca de suas práticas.

Gosto de utilizar a leitura escrita para desenvolver a oralidade das crianças, pois elas precisam saber o significado da escrita que estão nos livros ao ouvir uma história, assim, a turma entra na narrativa e compartilha as sensações e gestos dos personagens. Utilizo também, contos, poesias, fábulas, bilhetes, textos ilustrados e informativos, jogos e brincadeiras, e assim percebo que elas se interessam mais pelos assuntos. (Professora A)

Para desenvolver a oralidade das crianças realizo atividades dinâmicas que estimulem a curiosidade delas, como por exemplo, contos, fábulas, poesias, músicas, anúncios, reportagem, cartas e bilhetes, também gosto de utilizar rodas de conversas para recontação de historinhas. (Professora B)

Para desenvolver a oralidade é bem interessante trabalhar com recontação de historinhas, músicas, etc, assim como também, organizar rodas de conversa com as crianças e fazer perguntas para que elas possam responder, como por exemplo, qual é seu brinquedo preferido? Qual sua comida predileta? Quem ajuda a mamãe em casa? E assim por diante, essa é uma atividade que todas vão querer participar e assim estará desenvolvendo a linguagem. (Professora C)

Os relatos apresentados nos levam a refletir sobre as palavras de Marcuschi (2010, p. 25) “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”. Diante de tal afirmativa, é interessante observar que as situações, explicitadas pelos entrevistados, também estão em concordância com as ideias do autor, pois, observa-se que para que as crianças estejam em sintonia com as atividades propostas pela professora, é necessário o uso de variadas formas para trabalhar a oralidade, como por exemplo, a parte em que as professoras entrevistadas referem-se à utilização dos diversos gêneros textuais, pois as crianças sempre buscam mais formas de interação com as demais crianças que as cercam, ao mesmo tempo em que compartilham o que já foi adquirido em outras situações.

Entretanto, as entrevistadas não mencionam sobre o propósito de se trabalhar com atividades que desenvolvam a oralidade da criança, ou seja, utilizar a oralidade como processo de desenvolvimento de outras habilidades, como, escrever bem, compartilhar produções textuais já feitas em outras ocasiões, entre outras, que são habilidades que as crianças necessitam desenvolver para que tenha uma boa aprendizagem.

Assim, as atividades também devem reportar a intenção de estimular o objetivo principal de se desenvolver a oralidade, ou seja, a compreensão de mundo, como elas irão se comportar fora de sala de aula, diante de uma pessoa com aptidões iguais ou superiores as delas, entre outras situações as quais estamos sujeitos a vivenciar nesta sociedade letrada e tecnologizada.

Pelos relatos das entrevistadas, também se pode observar a maneira como elas percebem a relação entre a oralidade e escrita das crianças. As professoras desenvolvem uma dinâmica de observação para melhor desenvolver a criatividade dos alunos, ou seja, de forma gradativa, quando eles começam a praticar a leitura e a escrita não só na escola, mas nos espaços extras escolares, como por exemplo, em casa, nos passeios e até mesmo nas suas próprias brincadeiras com os colegas. Assim, o educador ao desenvolver um trabalho em sala de aula, pode permitir as crianças escreverem livremente, do jeito como sabem, para que ao

verem suas próprias escritas, com a ajuda do professor percebam a necessidade de superar os erros que cometeram.

Percebo a relação entre esses dois tipos de linguagem quando as crianças estão lendo e escrevendo da forma deles, porém não é somente isso, é necessário dar sentido a essas linguagens, ou seja, quanto mais as crianças são incentivadas no processo de aprendizagem, mais condições terão de superar erros, isto é visto quando elas se interessam mais em conhecer o mundo da leitura, fazendo uso de todo tipo de material escrito, como por exemplo, livros, jornais, revistas, vídeos, entre outros, dessa maneira a criança desenvolve o hábito de ler e escrita em toda sua amplitude, em casa, na escola e em outros lugares, tornando-se assim uma pessoa crítica e consciente”. (Professora A)

A oralidade e a escrita são vistas quando as crianças escrevem da maneira como fala, se a criança fala bem conseqüentemente escreverá corretamente, uma está ligada a outra, geralmente escreve da forma como fala, se ela tem dificuldade na pronuncia das palavras, provavelmente também terá na escrita, mas com um pouco de ajuda elas se desenrolam nas atividades. (Professora B)

A oralidade e a escrita são termos que andam juntos, pois para que se tenha uma boa oralidade é necessário que a criança esteja inserida num meio onde se tenha uma boa oralidade e escrita e para que se tenha uma boa escrita, a criança deve está desenvolvendo uma boa oralidade, sendo assim oralidade e escrita se completam. Assim, percebo essa relação através da observação, pois as crianças assemelham a escrita ao tamanho do objeto ou animal, por exemplo: a formiga é pequena, quando as crianças vão escrever, elas escrevem o nome pequeno, já se no caso fosse a vaca, a escrita das crianças seria maior, pois a vaca é maior que a formiga, mas com a prática elas vão aperfeiçoando suas tarefas. (Professora C)

Sobre isso, Simões (2006, p. 48) assevera,

É notório que a dificuldade de escrita correta das formas da língua em seu registro-padrão não é exclusividade das crianças, nem mesmo dos aprendizes do ensino fundamental em particular. De vez em quando, somos surpreendidos por algum tipo de dúvida gráfica sobre item léxico não pertencente ao nosso vocabulário usual.

Pelo exposto podemos depreender que as professoras afirmam desenvolver um ótimo trabalho e utilizam atividades para fazer com que os próprios alunos percebam seus “erros” para aprenderem mais ainda e não os julgam ou repreendem por não estarem escrevendo corretamente, em conformidade com a norma padrão.

Sobre a relação oralidade e escrita, Marcuschi (2010, p. 17) ressalta,

Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. As limitações e os alcances de cada uma estão dados pelo potencial do meio básico de sua realização [...].

As entrevistadas percebem as linguagens oral e escrita nas práticas e atividades interativas, não só do meio formal, mas também do meio informal, ou seja, se complementam,

pois, a partir do momento que cada criança consegue se comunicar e criar textos, a linguagem seja oral ou escrita, já teve sua função exercida.

Entretanto, não basta apenas deixar que elas escrevam livremente, claro esse é um fator importante, mas ao mesmo tempo deve-se prestar bastante atenção no processo de escolha da metodologia adotada para que se garanta um bom desempenho da criança, ou seja, a professora deve procurar conhecer a realidade das crianças, o nível de desenvolvimento em que ela se encontra, para então fazer o uso de metodologias adequadas, que a faça evoluir no desenvolvimento da linguagem.

Tomando como base o ensino da linguagem desenvolvido na escola, indagou-se as entrevistadas que as atividades práticas são desenvolvidas para se trabalhar a escrita das crianças. Vejamos os relatos das entrevistadas:

Utilizo a prática da leitura e depois a escrita de pequenos textos junto às crianças através do lúdico, ou seja, contando historinhas, construindo portfólios de atividades com os alunos e explorando a leitura através de jogos e brincadeiras. (Professora A)

Utilizo roda de leitura, interpretação de texto, treino ortográfico e produção de texto de forma lúdica. Cada criança ler um texto em seguida falará sobre o mesmo fazendo suas indagações, nos treinos ortográficos utilizo jogos silábicos. E a partir de um texto lido a criança produzirá o seu próprio texto. (Professora B)

Para trabalhar a escrita das crianças nada melhor do que algo que chame atenção delas, com desenhos, para que elas tentem escrever o nome das imagens que elas estão observando e através da produção de texto, que mesmo sem saberem ler e escrever bem, elas crianças pronunciam o texto, eu enquanto educadora, transcrevo para lousa e elas copiam para o caderno, mas sabendo o que está ali, não escrever só por escrever, pois esta é uma etapa de construção da alfabetização, com trabalhos em grupos facilita-se ainda mais a aprendizagem, além de aprenderem a se socializarem. (Professora C)

Percebe-se que as professoras utilizam práticas de leitura e pequenas escritas, assim, constata-se que as professoras utilizam quase os mesmos métodos, apenas mudam seus modos de trabalhar na prática.

Sobre este aspecto, Simões (2006, p. 49) assevera,

A alfabetização, como processo de aquisição da escrita, sobretudo na infância, se apresenta como um processo da maior complexidade; desde a assimilação das diferenças específicas da camada fônica da língua [...]. Enquanto esta distinção não se instala nos esquemas de observação do alfabetizando, ou melhor, quando o processo de letramento se desenrola de uma forma menos comprometida no que se refere às questões ortográficas, a produção de textos escritos parece fluir de modo mais solto e eficiente.

Em pesquisas realizadas, e de acordo com os relatos das professoras, a realidade não é diferente, nas escolas, de modo geral, a escrita apresentada pelas crianças em seu nível de elaboração de conhecimento de tal linguagem não são semelhantes umas das outras, pois

dependem do ambiente na qual elas estão inseridas, ou seja, elas expressam e dão importância às práticas de escrita e leitura a qual elas presenciam e participam socialmente.

O professor nesse momento deve buscar fazer a mediação de forma clara e diversificada, ou seja, na hora de conduzir as atividades, no momento da explicação, ele deve atender para as diferenças de saberes de cada criança e buscar trazer atividades que façam com que todas elas possam se entrosar no momento da elaboração das respostas. Entretanto, se faz necessário que o professor estabeleça metas e objetivos de aprendizagem da Língua Portuguesa nos estágios seguintes, isto é, no período em que as crianças vão evoluindo seus saberes, principalmente quando vão mudando para outras séries mais avançadas e que necessitam de maior desempenho e aquisição de uma linguagem mais complexa, para conviver em ambientes de pessoas que tenham a linguagem já bem desenvolvida. Todas as aprendizagens objetivam preparar os discentes para processos mais abrangentes.

Ao desenvolver a docência devemos considerar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, LDBEN), Lei nº. 9394, promulgada em 1996, que estabelece finalidades para a da Educação Básica.

**Art. 22º.** A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Desse modo, fica evidente que o professor tem o dever de considerar a realidade de cada criança, enfatizando assim, as necessidades reais e peculiaridades individuais de cada comunidade, estabelecendo o respeito e valorização das diferenças. Acima de tudo promover o desenvolvimento da oralidade e da escrita para efetivamente atender às finalidades da Educação Básica. Entendendo o desenvolvimento da linguagem como base para aprendizagem das outras disciplinas.

O município onde está localizada a escola pesquisada encontra-se com Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de (3,8) no ano de 2013, portanto não conseguiu atingir a meta estabelecida 4,1 e não alcançou 6,0 meta estabelecida pelo MEC. O IDEB da instituição encontra-se em estado de atenção, pois baixou de 3,2 no ano de 2011 para 3,0 no ano de 2013, não atingindo assim, a meta projetada pela escola que seria de 3,8, assim como também não conseguiu alcançar a meta estabelecida pelo MEC 6,0. O que nos mostra que a educação, tanto do município, quanto da escola, não está promovendo ainda um bom aprendizado das crianças, ou seja, os professores devem desempenhar com maior competência

suas tarefas, buscando fazer evoluir com mais eficiência o desenvolvimento intelectual das crianças.

Além dos comentários e das reflexões já feitas, em relação ao aprendizado das crianças, observa-se ainda como as professoras entrevistadas utilizam o lúdico para desenvolver a oralidade e escrita das crianças. Observemos os relatos descritos abaixo.

Desenvolver a oralidade e escrita são habilidades que se espera desenvolver nos primeiros anos de escolaridade. Nas turmas de pré-escola é possível fazer isso de diversas formas, o lúdico é um fator importante, pois as brincadeiras, músicas, cantigas de roda, trava-língua e parlendas, sempre são bem sucedidas nessa fase. De forma lúdica, elas ampliam as possibilidades de comunicação e expressão, promovendo e emancipando o interesse pelos gêneros orais e escritos. (Professora A)

O lúdico é utilizado como uma parte importante no desenvolvimento das linguagens oral e escrita, para que assim, a criança alcance o conhecimento, além de ser uma forma prazerosa que sempre incentiva a aprendizagem e interesse de aprender a ler e escrever. (Professora B)

Trabalhar com o lúdico é muito prazeroso para as crianças, pois elas vão ter mais interesse e facilidade de aprender com jogos e brincadeiras, é claro, envolvendo os conteúdos que tem que ser visto em sala de aula, será bem mais proveitoso do que a rotina de ler e escrever, que para eles é muito cansativo, mas não devemos utilizar as brincadeiras só para passar o tempo, mas utilizar o lúdico para desenvolver a aprendizagem destas crianças. (Professora C)

De acordo com o que as professoras responderam, nota-se que na prática vivenciada por elas e pelas crianças, o lúdico é bem trabalhado em sala de aula, e isso é algo positivo pois é no brincar que as crianças vivem situações que serão diferente daquilo vivido diariamente, assim já procuram solucionar e compreender o que se passa em seu dia a dia, explorando, perguntando e refletindo sobre o meio cultural, desenvolvendo-se psicologicamente e socialmente.

Assim, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 21-22) ressalta que,

Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. [...] Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.

Sabemos que a ludicidade torna-se cada vez mais importante como ferramenta de trabalho do professor, agindo assim, como intermediário entre a aprendizagem e o mundo

encantado das crianças, ou seja, favorecendo o desenvolvimento do pensar, da concentração e capacidade de evoluir o cognitivo da criança. Isso faz com que o professor em seu papel de educador busque cada vez mais desenvolver um bom trabalho, inovando sempre com sua criatividade e realizando atividades que despertem o interesse dos alunos, facilitando assim o processo de aprendizagem.

Desse modo, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23) assinala,

Quando utilizam a linguagem do faz-de-conta, as crianças enriquecem sua identidade, porque podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando suas concepções sobre as coisas e pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens. Na brincadeira, vivenciam concretamente a elaboração e negociação de regras de convivência, assim como a elaboração de um sistema de representação dos diversos sentimentos, das emoções e das construções humanas.

Então, usar o lúdico é algo muito pertinente. Os relatos nos fazem perceber que as professoras não medem esforços quando se trata da aprendizagem das crianças. Utilizam o lúdico que promove trocas de experiências, em que as crianças convivem com suas diferenças, desenvolvem sua imaginação e conseqüentemente, sua linguagem e que, apesar de tudo, se estabelece de forma concreta entre as crianças. E, quando trabalham com algo concreto elas buscam, com entusiasmo, saber o que podem fazer naquele momento e, refletem e reorganizam possibilidades de manusear aquele objeto, assim, a aprendizagem flui de modo espontâneo e com mais facilidade, pois ali, as crianças aprendem brincando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, foram registrados fatos e abordagens teóricas que por séculos permearam a educação. Com isto, foi possível perceber mudanças nas representações da sociedade acerca da linguagem oral e escrita. Em decorrência disso modificaram-se também os métodos de ensino. Sendo possível identificar a evolução que as escolas buscam inserir em seu processo de ensino e aprendizagem, e conseqüentemente, de formação dos sujeitos.

Cada objetivo traçado neste trabalho foi pensado e planejado para atender a questão norteadora: conhecer como se dá o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na prática docente com crianças de 4 a 6 anos.

O estudo realizado permitiu compreender que a linguagem é um fator importante e necessário para o bom desenvolvimento das habilidades humanas e que possui em si variações em seu contexto social, consideradas como elementos e expressões emancipatórias de um grupo. Por esse motivo, nós, seres humanos podemos nos manifestar através de diferentes formas, de acordo com o contexto em que estamos inseridos.

O estudo permitiu ratificar que a linguagem é transformadora de indivíduos, um instrumento de ascessão social, mas também é algo abstrato e ao mesmo tempo concreto, como é o caso da oralidade e da escrita, fatores esses, que são vistos como práticas e atividades interativas e complementares do meio cultural e social de um povo.

A pesquisa realizada permitiu compreender que o desenvolvimento da linguagem é algo que as crianças já trazem consigo desde quando ainda são bebês e se manifestam quando interagem e, conseqüentemente, produzem barulhos e sons que somente seus familiares entendem. A partir de então vai se desenvolvendo por etapas até chegar ao nível psicogenético alfabético, quando começam a dominar o código escrito. Permitiu ainda concluir que a participação do educador nesse processo de desenvolvimento da linguagem é um fator determinante. Isso porque o desenvolvimento da linguagem inicia-se por um processo espontâneo, mas que pode e deve ser potencializado pelas práticas pedagógicas, afim de que o estudante possa galgar novos níveis de conhecimento.

A linguagem seja ela falada ou escrita, deve ser interpretada de forma social e interativa, abordando-se não somente uma das linguagens, mas relacionando-as nas atividades do cotidiano escolar das crianças de 4 a 6 anos, buscando sempre inovar com novas estratégias que chamem a atenção das crianças, que as estimulem a criar, construir e modificar o meio que as cercam.

O estudo possibilitou entender que trabalhar com linguagem oral e escrita é instigante para o professor, pois traz consigo uma reflexão sobre o que ele próprio já vivenciou, seja em forma de pensamentos e expressões ou através de recordações advindas do passado, como cartas e fotografias. Ao oportunizar práticas de aprendizagem da linguagem, ele próprio pode pensar diversas formas de trabalhar esse assunto e, assim, tornar as aulas mais criativas e estimulantes para as crianças.

A pesquisa nos permitiu evidenciar que a linguagem tem início a partir do momento em que a criança convive com familiares e demais pessoas do meio social, mas que o seu desenvolvimento intencional deve-se a prática docente, ou seja, cabe à escola e aos professores que nela atuam, buscar desenvolver intencionalmente tais habilidades como formas de aprendizagem e conhecimento. Assim, o docente tem a função de proporcionar uma mediação eficiente entre o aluno e a linguagem, para que assim se obtenha melhores níveis de apropriação desse mecanismo de comunicação. A mediação docente realizada de modo adequado e competente é fundamental para que tenhamos alunos capazes de entender esse processo de comunicação social que se encontra em constante evolução. Portanto, as práticas educacionais demandam uma reflexão constante sobre o aprimoramento da linguagem enquanto um processo voltado para o desenvolvimento dos sujeitos.

A investigação revelou que no meio educacional, a linguagem oral e escrita, em maior parte tem se limitado a algumas atividades rotineiras. Desse modo, é recomendável que tais atividades sejam complementadas com outros recursos didáticos, para assim favorecer o bom desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Utilizar o lúdico como escolha metodológica para expor os conteúdos, é fundamental para despertar o interesse dos estudantes para desempenhar as atividades propostas pelo professor. Em síntese, os estudos realizados durante essa pesquisa, mostraram como o lúdico ganha, cada vez mais, lugar e reconhecimento para o contexto educacional. E, comprovadamente, as atividades que envolvem a ludicidade deixam de ser mero passatempo, pois passam a ocupar papel imprescindível no desenvolvimento do sujeito em todas suas potencialidades, e de modo particular, no desenvolvimento da linguagem.

Este trabalho contribuiu positivamente para o desenvolvimento de minhas aprendizagens, tanto no aspecto profissional, quanto cognitivo. Durante o processo de execução deste trabalho, foi possível promover momentos de aproximação entre o vivido e o estudado ao longo do curso.

Ao final deste trabalho, compreendi que ensinar requer planejamento, compromisso, dedicação, saberes teóricos e demanda, principalmente, uma posição crítica por parte do

docente. Entretanto, para que isso aconteça, deve-se estar aberto às propostas inovadoras, predispostos a aprender sempre, a fim de desempenhar um trabalho de forma eficaz, o qual possa garantir o desenvolvimento integral dos educandos. Por fim, fica a compreensão de que a apropriação do conhecimento socialmente elaborado, de modo particular a linguagem formal, não é possível sem a mediação do outro.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Renata Cristina Rodrigues et al. **O trabalho pedagógico realizado em ambiente hospitalar: análise de práticas educativas em hospitais de Belo Horizonte/MG.** UEMG, 2014. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-492-12.pdf>>. Acesso em 25 de agosto. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa /**Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei das Diretrizes e bases da Educação-LDB.** Brasília, DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 30 de junho de 2015.

CRUZ, Márcia Valéria. **Ensino e aprendizagem da linguagem escrita no ensino Fundamental.** Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em:<[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2009/16.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/16.pdf)>. Acesso em: 21 de agosto. 2014.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** 3. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

GONZALEZ, Keila Cristina Arruda Villamayor. **Linguagem escrita na educação infantil: perspectivas para a prática pedagógica indicadas na produção acadêmica brasileira entre 1983 e 2001.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86844/210719.pdf?sequence=1>>. Acesso em 12 de novembro. 2014.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MARCONDES, Thienne. **A importância de dominar o idioma português para o mercado de trabalho.** Catho online, 2003. Disponível em:<[http://www.cursocriar.com/arquivos/criarfazdiferenca\\_artigos/a\\_importancia\\_de\\_dominar\\_o\\_idioma\\_portugues\\_para\\_o\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](http://www.cursocriar.com/arquivos/criarfazdiferenca_artigos/a_importancia_de_dominar_o_idioma_portugues_para_o_mercado_de_trabalho.pdf)>. Acesso em 12 de novembro. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MONTEIRO, Sara; BAPTISTA, Mônica. Dimensões da proposta pedagógica para o ensino da Linguagem Escrita em classes de crianças de seis anos. In: **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009. 122 p.

MORAIS, Artur et al. Apropriação do sistema de escrita alfabética pelas crianças: Que caminhos percorrem? Como podemos auxiliá-las em suas trajetórias de aprendizagem? In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo em alfabetização em escolas do campo: educação do campo: unidade 03. Brasília: MEC, SEB, 2012. 59 p.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>>. Acesso em 25 de maio de 2015.

SÁ, Carolina; MESQUITA, Rui. Alfabetização e letramento no campo: desafios e perspectivas. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo no ciclo de alfabetização: perspectiva para uma educação do campo: educação no campo: unidade 01. Brasília: MEC, SEB, 2012. 60 p.

SASSO, Elaine Cristina. **A linguagem oral e escrita na Educação Infantil**: contribuições da análise experimental do comportamento na releitura dos objetivos. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2007. Disponível em: <<http://www.drb-assessoria.com.br/18ALINGUAGEMORALEESCRITANAEL.pdf>>. Acesso em 21 de agosto. 2014.

SILVA, José; LIMA, Leila. Brincando e aprendendo: alternativas didáticas para as crianças do campo. In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: brincando na escola: o lúdico nas escolas do campo: educação do campo: unidade 04. Brasília: MEC, SEB, 2012. 58 p.

SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SOUZA, Antonio Escandiel de; PAUTZ, Sílvia. **A diversidade lingüística no contexto escolar**, 2014. Disponível em: <[http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/07\\_L&C\\_1S/L&C1s07\\_Antonio.pdf](http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/download/Artigos/07_L&C_1S/L&C1s07_Antonio.pdf)>. Acesso em 12 de novembro. 2014.

TELES, Tércia Ataíde França. **Linguagem e identidade social** – uma abordagem sociolingüística. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2014. Disponível em: <[http://cetrans.com.br/artigos/Tercia\\_Ataide\\_Franca\\_Teles.pdf](http://cetrans.com.br/artigos/Tercia_Ataide_Franca_Teles.pdf)>. Acesso em 12 de novembro. 2014.

## **APÊNDICE**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. O que você entende por desenvolvimento da linguagem da criança?
2. Qual a importância que você confere ao desenvolvimento de oralidade?
3. Que atividades você realiza para trabalhar e desenvolver a oralidade das crianças? Que atividades metodológicas você utiliza?
4. Como você percebe a relação entre oralidade e escrita das crianças?
5. Que atividades práticas você desenvolve para trabalhar a escrita das crianças? E como você trabalha na prática?
6. Como o lúdico é utilizado para desenvolver a oralidade e escrita das crianças?